

Design, Memória e Patrimônio: inventa[ria]ndo afetos no Complexo da Lagoinha

Andreia Menezes de Bernardi (Escola de Design - UEMG - Brasil)
andreia.bernardi@uemg.br

Edson José Carpintero Rezende (Escola de Design - UEMG - Brasil)
edson.carpintero@uemg.br

Mateus Antonio Alves (Escola de Design - UEMG - Brasil)
mateusalvesdesign@gmail.com

Pedro Antônio Ramalho Vilela (UEMG - Brasil)
parapedrovilela@gmail.com

Escola de Design - UEMG
Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG
Av. Antônio Carlos, 7545 - São Luiz
CEP 31270-010 Belo Horizonte, MG, Brasil

Design, Memória e Patrimônio: inventa[ria]ndo afetos no Complexo da Lagoinha

Resumo: Apresentamos a experiência do projeto de extensão “Lagoinha _Patrimônio Design Desenvolvimento”, implementado no Complexo da Lagoinha, em Belo Horizonte. Assumindo metodologias do Design e da Arte Educação, objetivamos inventariar memórias e diferentes formas de atribuição de sentidos ao território. Como forma de difundir narrativas produzidas ao longo do processo, optou-se pela criação de um conjunto de cartões postais com fotocolagens, impressos em risografia e distribuídos com o intuito de fortalecer processos de reconstrução identitária e promover a autonomia da comunidade local.

Palavras-chave: Design. Memória. Patrimônio.

Contextualização

A Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, ED/UEMG, oferece os cursos de Licenciatura em Artes Visuais, Design Gráfico, de Produto e de Ambientes, contando com diversos núcleos em torno dos quais professores desenvolvem projetos de pesquisa e extensão. O Centro Integrado de Design Social, CIDS/UEMG, apoia e articula ações de ensino, pesquisa e extensão tendo como eixo norteador o diálogo entre design e sociedade. Nesta perspectiva, os professores que atuam junto ao CIDS/UEMG se dedicam à idealização de soluções (experiências, produtos, sistemas e serviços) que contribuam para a melhoria da qualidade da vida. Em 2018 apresentamos ao programa de fomento à extensão da universidade – PAEx/UEMG –, o projeto “Lagoinha_Patrimônio Design Desenvolvimento”, com o intuito de contribuir para a geração de impacto social positivo por meio de processo de *co-design* visando dar destaque ao patrimônio imaterial local.

O Complexo da Lagoinha é umas das áreas mais emblemáticas da capital do estado de Minas Gerais, no Brasil e compreende sete bairros contíguos: Bonfim, Lagoinha, Vila Senhor dos Passos, Pedreira Prado Lopes, São Cristóvão, Conjunto IAPI e Santo André. Ao longo de décadas a localidade sofreu intervenções viárias que desconsideraram as consequências negativas no âmbito social pois, atualmente, convive com graves problemas sociais tais como a forte presença do tráfico de drogas, insegurança, pessoas vivendo em situação de rua, depredação do patrimônio cultural e ausência de políticas públicas de regeneração –, gerando um círculo vicioso.

A região, no entanto, desempenhou importante papel no desenvolvimento da cidade de Belo Horizonte e seu patrimônio reúne memórias valorosas; edificações tombadas; ofícios tradicionais; o cultivo da vida boêmia e da música, além de apresentar rica paisagem cultural atravessada por manifestações de religiosidade e fé. Essa dicotomia entre riqueza histórico-cultural e negligência no campo social foi o que nos levou a apresentar a proposta que propôs três objetivos específicos: realizar um inventário afetivo de bens imateriais almejando contribuir para o fortalecimento dos processos de reconstrução identitária da comunidade que habita e frequenta o lugar; desenvolver algo que pudesse dar visibilidade ao patrimônio local pela perspectiva dos envolvidos; e, enquanto projeto de extensão articulado à pesquisa, propiciar a formação de bolsistas num contexto diverso de aprendizagem, em contato direto com uma comunidade e seus problemas.

As referências teóricas que embasaram o projeto substanciam o caráter do design socialmente engajado como um campo do design que se interessa pelos problemas sociais para além da elaboração de serviços e políticas públicas, mas que busca estimular o desenvolvimento de senso crítico, autonomia e protagonismo frente aos desafios atuais.

A escuta atenta dos problemas e desejos da comunidade foi o ponto de partida para a articulação das ações: uma postura capaz de engendrar um processo de “cooperação mútua entre diversos atores, encontrada na ideia de codesign.” (NORONHA, 2017; 222). Adotamos metodologias advindas da arte-educação contemporânea em diálogo com ferramentas do design sistematizadas na obra *Human Centered Design* (IDEO, 2013), que propõe três “lentes”: *desejo* (o que as pessoas desejam), *praticabilidade* (o que é possível técnica e organizacionalmente) e *viabilidade* (o que é viável financeiramente), articuladas a três etapas de trabalho: *ouvir, criar e implementar*.

Assim, descreveremos a seguir o percurso teórico-prático que resultou em uma experiência de produção estética baseada em procedimentos mnemônicos a fim de gerar um resultado que, por sua vez, poderá contribuir para o fortalecimento dos processos de construção identitária e promoção de autonomia no Complexo da Lagoinha.

Ações

Dentre as ações iniciais realizadas destacamos o reconhecimento do território por meio duas longas caminhadas em que constatamos uma série de problemas, tais como pessoas vivendo em situação de rua, acúmulo de lixo, sucatarias irregulares, pontos de tráfico de drogas, imóveis abandonados e depredados. Contudo, identificamos também iniciativas de empreendedorismo cultural, o efervescente comércio de antiguidades, imóveis bem conservados, espaços vivos de encontro e sociabilidade. Encontramos, sobretudo, histórias, memórias e olhares acolhedores da comunidade local.

Numa dessas caminhadas conhecemos um grupo de mulheres idosas moradoras do Complexo que participam de oficinas no centro cultural que funciona na edificação do antigo Mercado da Lagoinha, uma das principais referências do patrimônio construído na região. O grupo foi convidado a participar do projeto de extensão por meio de uma série de encontros que detalharemos a seguir.

Organizamos os relatos segundo as etapas propostas: *ouvir*, *criar*, *implementar*, sem deixar de considerar o constante imbricamento entre as fases do processo.

Ouvir

No primeiro contato com o grupo, além de apresentar detalhadamente o projeto e seus objetivos, planejamos dinâmicas em que os conceitos de design, design socialmente engajado, patrimônio cultural e memória foram debatidos pelo grupo.

Para estimular o compartilhamento de memórias pessoais, o convite para o encontro continha o seguinte texto:

Olá!

Pedimos que tragam para esse encontro algo que seja significativo para você: um objeto ou uma foto ou um documento ou uma carta, a capa de um disco, um bilhete de bonde, uma receita de família, uma medalhinha...

Pode ser algo relacionado ao Complexo da Lagoinha ou algo que tenha a ver com a sua história de vida, um patrimônio pessoal.

Nossa intenção era conhecer as histórias de vida daquelas mulheres a partir de seus objetos de memória, pois, concordando com Damásio (2013; 47), “vivemos, lembramos e esquecemos em sociedade e em um mundo físico. E as coisas são a parte tangível de nossa identidade e memórias”, o que a autora nomeia de “artefatos de memória”.

Algumas levaram livros, *souvenirs*, fotografias, câmeras fotográficas antigas, brinquedos e objetos que, ao serem apresentados ao grupo, revelavam histórias peculiares: o percurso do bonde, marchinhas de carnaval, aromas, os cinemas e a paquera no *footing*¹, as feiras de amostras, enfim, os vínculos da comunidade local com o território, revelando as “práticas de espaço” de que nos fala De Certeau (1994, p. 172) “que remetem a uma outra espacialidade, uma experiência antropológica, poética e mítica”.

¹ Dos anos 1920 até 1960 o *footing* – do inglês, ir à pé –, era um costume entre os jovens de várias cidades brasileiras, como Belo Horizonte. Era no *footing* que ocorria a paquera, o flerte de antigamente. Em praças e ruas movimentadas, com cinemas, lojas e sorveterias, os rapazes andavam em uma direção e as moças andavam na direção contrária, de forma que pudessem observar e ser observados. A correspondência na troca de olhares era o sinal positivo para uma conversa casual mais tarde, após a missa de domingo, por exemplo. Já a indiferença indicava uma negativa à investida, um balde de água fria que partia corações.

A partir disso, o encontro disparou a criação de narrativas ligadas a memórias que evidenciaram lugares significativos do Complexo, mas, analisando o resultado, percebemos uma forte nostalgia, uma vez que muitos dos espaços com os quais foram estabelecidos laços de afeto foram demolidos para possibilitar intervenções viárias sob a égide do progresso. Um sentimento compartilhado por muitos moradores é de que a região foi “partida ao meio”, sendo que os problemas sociais com os quais convivem atualmente são atribuídos a essas intervenções.

Para o encontro seguinte, pedimos ao grupo que elaborassem listas de pessoas (moradores antigos, artesãos, personagens, benzedadeiras...), festas (religiosas ou não, tradicionais ou modernas...), lugares (casas antigas, vilas, becos, praças...), pontos de encontro (aulas de dança, feirinhas de rua, padarias...), curiosidades (personagens, histórias, “causos”), enfim, referências culturais relacionadas ao território, por meio das quais poderíamos dar continuidade ao trabalho de inventário afetivo.

Ouvir – Criar

O termo inventário – do latim *inventariu* = encontrar (FERREIRA, 1986; 964) –, se aplica à área cultural quando realizado com o objetivo de elaborar “levantamento sistemático dos bens culturais, visando o conhecimento e a proteção do acervo de determinada cultura”. Devendo ser sistemática, a ação de inventariar bens culturais assumiu também a responsabilidade de ser coerente com critérios de inclusão/exclusão e de ser exaustiva, ou seja, apresentar uma lista definitiva e completa.

Ultimamente, porém, estudiosos do patrimônio têm reformulado essas questões, e cada vez mais os inventários têm sido realizados em diálogo com atores sociais diversos imbuídos da tarefa de identificar, pesquisar e descrever bens culturais para fins de preservação. Desse processo, muitas vezes resulta o encaminhamento de pedidos de registro e tombamento de *bens não-consagrados* (GRUNBERG, 2007), eleitos a partir dos sentidos atribuídos pelos sujeitos e comunidades, reconhecendo o caráter dinâmico do patrimônio e flexibilizando os critérios para a produção de inventários culturais. Dessa maneira, propomos aproximar o verbo *inventariar* do verbo *inventar* (FERREIRA, *idem*; *ibidem*), no sentido de criar, imaginar, idear; descobrir, achar.

Dessa forma, no encontro que inaugurou a segunda etapa, exibimos o filme “Narradores de Javé” (2003), da cineasta brasileira Eliane Caffé. A trama se desenvolve em torno da mobilização da comunidade do vale de Javé para evitar a inundação da região em que seria construída uma represa.

Isso acarretaria o desaparecimento do vilarejo, obrigando-os a mudar. E, para tanto, seria necessário provar a existência de algo que pudesse ser considerado como patrimônio cultural de Javé, o que leva seus moradores a narrarem as histórias locais em busca de uma solução para o problema.

Em seguida provocamos o grupo a pensar se seria possível, como em Javé, tentar transformar a realidade do Complexo da Lagoinha. O debate conduziu ao desejo de mudar o estigma da região, que há muito tem sido vinculada à noção de perigo e marginalidade, sendo conhecida como a “cracolândia” de Belo Horizonte. O grupo concluiu que para isso seria necessário que as pessoas conhecessem o Complexo da Lagoinha para além de sua importância histórica, abrindo-se à descoberta do que há de valioso também no presente.

A partir desse entendimento, subgrupos se formaram para refletir e propor ações capazes de difundir a cultura, as memórias e o patrimônio local. A pergunta geradora usada como disparador para esse exercício foi: “como a memória e o patrimônio podem ser matéria prima para transformar o presente e projetar o futuro do Complexo da Lagoinha?”.

Ao término, as ideias de cada subgrupo foram refinadas e as sugestões apresentadas foram:

- a produção de um calendário;
- a produção de cartões postais;
- a produção de um curta-metragem;
- e a produção de um jornal.

Implementar

Analisando os encontros anteriores, ficou claro o interesse daquelas mulheres pelos fazeres manuais. Afinal, o grupo havia se constituído em torno das oficinas de artesanato. E, considerando que o produto a ser escolhido dentre os sugeridos pelo grupo teria que ser produzido pelo próprio grupo, no convite do próximo encontro inserimos o seguinte texto:

Queremos conhecer o que você faz! Lembre-se de trazer uma ou duas peças para mostrar: crochê, tricô, desenho, pintura, bordado...

Desse chamado resultou a convergência de produtos com materiais e suportes distintos elaborados por meio de técnicas manuais diversas. Mediamos um momento de sensibilização, integração e reconhecimento de um bem cultural significativo: o saber-fazer artesanal. Em seguida retomamos as propostas e organizamos uma votação. Antes, porém,

estimulamos uma reflexão sobre a necessidade de a sugestão escolhida ser viável técnica, temporal e financeiramente, a fim de garantir sua implementação.

A ideia mais votada foi o calendário, seguida pelos cartões postais, e finalizamos esse encontro provocando o grupo a pensar quais imagens representativas da memória e do patrimônio do Complexo da Lagoinha seriam inseridas, e que técnicas poderiam ser utilizadas.

Implementar – Difundir – Avaliar

Ali onde todas possuíam habilidades com as técnicas do crochê, tricô e bordados, naturalmente surgiu a proposta de trabalhar com a representação de referências culturais locais por meio dessas técnicas, mas não teríamos tempo suficiente. Além disso, precisávamos garantir a presença das narrativas pessoais no produto final, pois ao longo do projeto o grupo havia tido a oportunidade de compartilhar histórias de vida e concluímos que seria mais significativo privilegiar o inventário afetivo do que eleger bens patrimoniais consagrados. Refletindo sobre como favorecer a produção de visualidades que pudessem conter essas narrativas autobiográficas, chegamos à técnica da fotocolagem e no convite do encontro seguinte inserimos o seguinte texto:

Você tem fotos antigas ou recentes tiradas no seu bairro? Separe também fotos em que você aparece e venha para a Oficina Memória e Colagem. Esperamos você!

No dia da oficina apresentamos a proposta e deixamos à disposição do grupo reproduções de fotos antigas e atuais da região. Às imagens que levamos juntaram-se outras imagens de acervos pessoais: recortes de jornal, fotos antigas, retratos de família, cenas do cotidiano no Complexo da Lagoinha.

Concordamos com o geógrafo brasileiro Milton Santos quando afirma que o território “tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (1999; 8, grifo do autor) e, nessa direção, o resultado da oficina foi uma série de fotocolagens sobre papel, composições em que memórias inscritas naquele território deram origem a cartografias simbólicas feitas de afetos daquelas mulheres: uma experiência estética comum e potencialmente capaz de dar a ver as subjetividades construídas no processo.

Entretanto, ainda precisávamos resolver como o material seria impresso. Pesquisamos opções de impressão alternativas, de baixo custo e preferencialmente artesanais. Estabelecemos parceria com uma iniciativa do Governo do Estado de Minas Gerais, o Plug Mix, que junto à Associação Imagem Comunitária, mantém um espaço de experimentação gráfica que dispõe de uma *Risograph*, máquina cujo procedimento semiartesanal de impressão opera entre a fotocópia e a serigrafia tendo como resultado uma estética moderna e instigante.

Por se tratar de uma técnica de impressão artesanal e de uma tiragem pequena, instigamos reflexão sobre a possibilidade de produzir um kit de cartões postais em vez de um calendário, uma vez que os cartões poderiam ampliar em muito o alcance da proposta ao serem enviados a outras pessoas, parentes e amigos, o que referendou a escolha pela fabricação do kit de cartões postais.



Figura 1. No sentido horário: 1- Oficina de colagens com grupo de mulheres moradoras do Complexo da Lagoinha; 2- Integrante do grupo, a senhora Maria da Conceição Augusto e sua fotocolagem; 3- Cartões postais aguardando a montagem dos kits; 4- Processo de impressão em risografia.

Foi também artesanal o processo que envolveu a seleção, o tratamento e arte-finalização das imagens, a impressão em si, o refile, a montagem dos kits e a distribuição junto à comunidade.

Entendendo o design socialmente engajado como uma área do Design que se preocupa com o papel do designer e sua responsabilidade na sociedade, vislumbramos que essa iniciativa e seus desdobramentos sejam

capazes de gerar impacto social positivo por meio da valorização da memória e do patrimônio local e da reinvenção do Complexo da Lagoinha de forma participativa e democrática, mas, sobretudo, que possam disparar reflexividades e ensejar o desenho de novos cenários de futuro, fundamentais para o desenvolvimento integral da região.

Concordamos com Hugues de Varine (2013; 18) quando afirma que o patrimônio, sob suas diferentes formas

“fornece o húmus, a terra fértil necessária ao desenvolvimento. O desenvolvimento não se faz ‘fora do solo’. Suas raízes devem se nutrir dos numerosos materiais que, na sua maioria, estão presentes no patrimônio: o solo e a paisagem, a memória e os modos de vida dos habitantes, as construções, a produção de bens e de serviços adaptados às demandas e necessidades das pessoas”.

Dessa forma, defendemos que ações de design socialmente engajadas e lastreadas no patrimônio e nas memórias de uma comunidade possam favorecer o desenvolvimento local em suas dimensões culturais, econômicas e sociais. Verificamos o impacto positivo junto aos participantes. Almejamos, agora, que os cartões postais possam, de forma afetiva e efetiva, espalhar a boa nova.

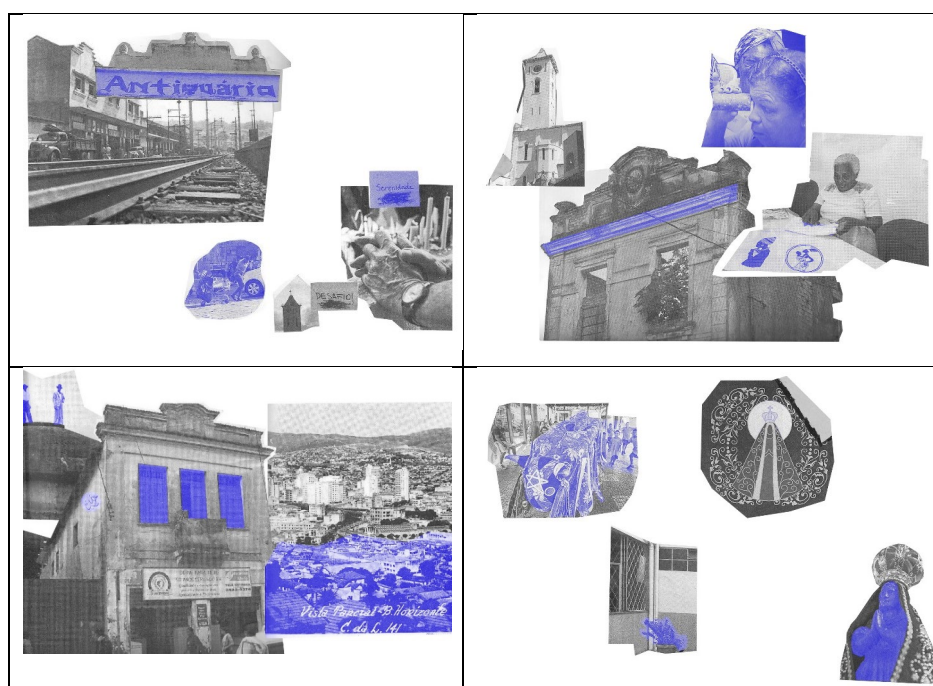


Figura 2. No sentido horário: 1- Fotocolagem de Márcia Araújo; 2- Fotocolagem de Maria da Conceição Augusto; 3- Fotocolagem de Eva Ribeiro da Silva; 4- Fotocolagem de Helena Aquino Lima Pinheiro.

Referências

CATANIA, V. (Produtora). CAFFÉ, E. (Diretora). **Narradores de Javé**. [Película]. França: Bananeira Filmes, 2003.

DAMÁSIO, V. Design, memória, emoção: uma investigação para o projeto de produtos memoráveis. In.: MORAES, Dijon De; DIAS, M. Regina. A. C.; SALES (Org.). **Cadernos de Estudos Avançados em Design: Emoção/Emotion**. 1. ed. Barbacena: EdUEMG, 2013. v. 8. (p. 47-61).

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano. Artes de Fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. (p. 172).

GRUNBERG, E. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em 14 de out. 2016.

IDEO. **Human Centered Design**: kit de ferramentas. 2 ed. Título original: Human Centered Design: toolkit. Tradução: Tennyson Pinheiro, José Colucci Jr., Isabela de Melo. IDEO: 2013.

INVENTAR. In: FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.964.

INVENTÁRIO. In: FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.964.

NORONHA, R. G.; GUIMARÃES, M.J.S; FIGUEIREDO, D. Q. S. A.; PERPÉTUO, N.C.F. Cartografia como Percorso Projetual: Design a partir da Complexidade. **Revista Educação Gráfica**, v. 21, p. 216 - 231, 2017.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **Geographia**, ano 1, n.1, p.7-13, 1999. Disponível em <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360>>. Acesso em 11 jan. 2019.

VARINE, H. de. As raízes do futuro: **O patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Hugues de Varine; trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Como citar

BERNARDI, Andreia Menezes de; REZENDE, Edson José
Carpintero; ALVES, Mateus Antonio; VILELA, Pedro Antônio
Ramalho. **Design, Memória e Patrimônio: inventa[ria]ndo afetos no
Complexo da Lagoinha** Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI -
UERJ. Edição especial Design.com, V. 11 N. 1, julho 2018. pp. 21-32.
Disponível em: [[http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/
arcosdesign](http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign)]



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.